

REVISTA LITTERARIA

PUBLICAÇÃO LITTERARIA, CRITICA E INSTRUCTIVA

CHEFE DA REDACÇÃO: AURELIO DE BITTENCOURT

COLLABORAÇÃO DE DIVERSOS

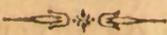
Anno I

ASSIGNATURA

Num. 6

PARA A CAPITAL: Trimestre 2\$500—PARA FÓRA DA CAPITAL: Anno 10\$000

VICTOR HUGO



Completo no dia 27 do passado 80 annos o patriarcha do romantismo.

Nesse dia devia ter-se realisado na capital da França a apotheose antecipada do grande genio que assombra o mundo com as irradiações da sua flamma.

E, na verdade, nenhum homem lograra ainda assistir em vida á apreciação justa e imparcial de seus merecimentos: só a elle estava reservada esta gloria.

Victor Hugo é um nome universal.

A sua superioridade não se discute: trazer a sua opinião em qualquer discussão é dar-se a sentença.

Do alto da sua soberania elle vê degladiarem-se os lidadores das novas e velhas escolas litterarias, animando a uns com uma phrase, a outros castigando com uns versos.

A sua estatura gigante permite-lhe abranger o movimento vertiginoso que se opera na face do mundo pasmo do proprio progredir; com o olhar de aguia devassa todos os horisontes, e se algum pedaço da humanidade soffre, elle trava da lyra e chora, se ri-se elle canta com entranhado jubilo.

Onde ha uma lagrima por enxugar, como na Polonia e Irlanda, ouve-se, atravez dos mares e dos montes, a sua voz consolando e a animar.

Quando as nações exultão, celebrando os centenarios de Shakspeare, Camões, Calderon ou Cervantes, parece que as festas não seriam completas se não lessem uma carta ou um telegramma seu congratulando-se com o acontecimento.

Cosmopolita de coração, a França não pode ufanar-se de possuil-o exclusivamente: elle pertence á Humanidade.

Se a França é o cerebro do mundo, Victor Hugo é o cerebro da Humanidade.

E é por isso que em todo mundo civilisado todos o conhecem, todos o contemplão, todos o admirão!

Victor Hugo é grande em tudo: na politica, como nas letras, destaca-se enorme no meio dos gigantes que o cercão.

Quando o senado da republica franceza abriu-lhe as portas, o povo fez-lhe uma manifestação estrondosa, conduzio-o como um semi-deus de casa ao parlamento: por toda parte flores, por toda parte ovações!

No dia de seu anniversario a imprensa parisiense offereceu-lhe um esplendido banquete nos salões do Café Riche; ahi se achava reunido o que as letras francezas tem de mais selecto.

Neste anno as demonstrações devem ter sido mais ruidosas, mais solemnes.

A imprensa, os litteratos, os amigos, o povo, levavião coroas de louros, flores e flamulas a depositar na avenida onde se acha seu palacete.

Nada menos que uma procissão civica!

E o Mestre, como o cognominarão, elevado, magestoso, maior do que todas as homenagens que lhe possam render, a presenciar sereno o *verdictum* que os povos só costumão lançar ao merito do homem depois que a morte tem-lhe augmentado o esplendor da gloria!

E' o vulto grandioso do passado recebendo o preito do presente e a desvendar os mysterios do futuro.

Filho do seculo XIX, elle representará no futuro o adiantamento e as aspirações deste mesmo seculo: um não se poderá desligar do outro.

Ainda mais:

Quando em epochas remotas algum sabio, percorrendo as folhas da historia litteraria, raciocinar sobre seu movimento, não deixará de dizer:

— Podem Homero, Virgilio e Sapho representar a poesia antiga; pode a litteratura medievá encarnar-se em Dante, Shakspeare e Camões, mas Victor Hugo absorveu em si mais do que a evolução de sua epocha, não deixou a nós senão realisar as suas prophcias!

E elle é verdadeiramente o propheta desta geração: alça a vista para o futuro e vai despindo das calligens que o envolve o destino dos paizes e da Humanidade!

A *Revista Litteraria*, nestas imperfeitas linhas, só procura cumprir um dever que o seu titulo impõe-lhe, sentindo que a fraqueza não lhe permitta contribuir com maior subsidio para a apothese que o seculo XIX levanta.

Suppre, porém, a deficiencia do nosso trabalho o escripto, que abaixo se segue, de um dos mais illustres contemporaneos nossos — Hugo Leal.

Eis o artigo:

* * *

Em 1802 nasceu o grande poeta.

Seu pai era um bravo soldado de Bonaparte; sua mãe uma realista fervente, catholica.

Pouco viveu em companhia do pai.

Depois das batalhas do Imperio, as batalhas do coração fizerão com que o pequeno Victor acompanhasse a viuvez honesta de sua mãe, na solidão amarga do abandono.

Victor tinha dois irmãos que morrerão novos. O segundo, poeta brilhante como elle, enlouqueceu na noite do seu casamento.

Até aos vinte annos foi realista. Acompanhava as idéas da mãe. O que fez com que elle dissesse uma vez ao pai:

— Senhor, a creança tem as idéas da mãe, mas o homem terá as idéas do pai.

Era uma creança quando isto dizia.

Foi de uma precocidade violenta: muito creança começou a fazer bons versos.

A conselho de sua mãe concorreu aos jogos

poeticos da França e nelles tirou varios premios. Perdeu nos jogos da Academia Franceza, pela sua pouca idade.

Os juizes não acreditavão que o autor de tão boas poesias fosse uma creança de 15 annos, que aquillo era uma mystificação; acharão-se offendidos, e não derão o premio a Victor.

Aos dezeseis annos compoz o seu primeiro romance „Bug-jogral“. Foi escripto em 16 dias.

Seus admiradores apresentarão-no ao grande Jupiter da epocha, a Chateaubriand, que ficou de tal maneira admirado diante do genio surprehendente da creança, que disse estas palavras propheticas:

— C'est un enfant sublime!

A familia Hugo para viver tingia roupas.

Foi nesta arena da adversidade cruel que Victor Hugo tomou a musculatura secular de que dotado.

Aos 19 annos perdeu o seu idolo — a mãe.

Foi uma dor tremenda.

Lammenaise o consolou com a sua palavra nas horas de desespero.

Mas a solidão matava-o. Elle precisava de um labio de mulher que sorrissem ao seu lado.

Lembrou-se então de casar com uma menina de quem gostava desde os dezeseis annos.

Vendeu as „Odes et Ballades“ ao primeiro editor que encontrou e pediu a noiva.

Quando os pais de Adelia forão consultar o velho pai do poeta, este respondeu:

— Elle não tem dinheiro, mas tem um grande coração!

O presente do enxoval absorveu todo o dinheiro que lhe deu as „Odes et Ballades“.

No dia immediato ao casamento possuíão os noivos 5 francos, Victor 26 annos e Adelia 18.

E entravão resolutos na vida.

„Han-d'Islande“, apopleico, é escripto a dor apopletica da morte da mãe. As edições esgotarão-se, mas o joven casal vivia não sem contrangimentos.

Victor Hugo collaborava em revistas, o poeta cantava á noite para comer no dia seguinte.

Escrevia „Cromwell“, „Hernani“ e quasi todos os seus dramas.

Erão as grandes batalhas do romantismo opulento.

Victor Hugo era o chefe; tinha ao seu lado uma pleiade gloriosa de soldados.

Conservão-no no triumpho.

De bonapartista foi republicano.

Em 1848, quando os revolucionarios penetrao-lhe em casa, para destruir-lhe papeis e moveis, sobre a escrevaninha estava uma pagina dos „Miseraveis“, lerão e respeitarão a casa do poeta. Compreenderão-no.

O papel heroico que representou nos dias de Dezembro de 51, está descripto dantescamente na „Historia de um crime“.

O republicano foi expatriado.

Elle exilou-se nos penhascos no meio do mar, perto de sua França, como para ver-lhe a nuvem azul dos contornos nas tardes transparentes da calmaria socegada.

Do granito daquella ilha ingleza sahirão todos os trabalhos cyclopeos, immensos, do poeta do seculo XIX. Sua palavra toma o trovejar violento, tempestuoso dos combates do oceano. Elle de la falla a todos os povos, falla a todas as dores, e rasga com seus estyletes alexandrinos as carnes a todos os oppressores, a todos os saíujos. „Les Chatiments“ representam a colera do seculo XIX castigando o perjuro e o crime.

Depois de 20 annos longe da França, vinte annos de prostituição bonapartista, elle, viuvo de Adelia, e seus tres filhos, entra em Pariz, beijando a enxovalhada terra pelas balas do inimigo.

E quando todos fugião de Pariz, elle ficava... para escrever o „Anno Terrivel“!

„L'année terrible“, esse complemento „Des Chatiments“! Era a comprehensão cyclica do julgamento de uma epoca!

Vem a communa, vem o poderio conservador-medroso de Thiers, o velho orleanista, e a falsa republica mostra a terra do exilio á aguia enorme.

Expulsa do ninho cre encontrar na Belgica o respeito e a dignidade da hospitalidade. Mas a lama clerical de Bruxellas apedreja-o, a elle que tem nos braços a sua „petit Jeanne“.

Ainda volta a Pariz, onde assenta moradia. E ahi, no socego dos ultimos annos, elle ainda se apresenta onde ha uma dor, onde sangra uma chaga!

Vimol-o no centenario de Voltaire!

Assistimos com a apotheose do vulto do seculo XVIII, á apotheose do seculo XIX na pessoa de seu poeta!

Victor Hugo tem hoje 79 annos!

Ainda produz, ainda derrama lavas.

Illumina com os seus lampejos o mundo de uma grande idade.

Tem um prazer, o leão, — brinca com os netinhos!

E' o genio da poesia, que no mundo grego se chamou Eschilo, no mundo romano Juvenal, no mundo medievo Dante, na renascença Shakspeare, que no mundo da revolução se chama — Victor Hugo!

DUAS GOTAS



Uma gota de orvalho
E' como o suor que tomba á musica do malho :
Vem dar a seiva, a vida ás rosas innocentes,
Derrama pelo campo uns risos florescentes,
Amadurece o fructo e faz crescer a planta;
— A baga de suor, da grande serenata,
Que o progresso do se'lo ao seculo levanta,
E' nota harmoniosa, estranha e colossal,
Argentina e sublime, vibrante e divinal!...
Do suor e da limalha prepara-se o cimento
Com que o povo edifica o grande monumento,
Que o tempo não corroe, nem furias de tufões
E nem a enorme voz das grandes rev'luções :
E' o edificio da luz voltado para a gloria,
Talhado sobre o marmor granitico da historia!...

TIMOTHEO DE FARIA.

Porto Alegre — 1881.



NARRAÇÃO DE UM SOLDADO INVALIDO



I

Um invalido conversava tranquillamente com um burguez.

Nem um nem outro erão estultos, mas suas luzes não abrangião longiquos horisontes, pois limitavão-se ao que seus olhos tinham visto impressionando seu espirito, e por isso corrião risco de se desvairar; outros mais sabios procurarião explicar tudo, e a obscuridade mais envolveria.

O burguez disse ao invalido :

— O que mais me surprehende é a familiaridade que têm com a morte. Julgo ser tão animoso como meus visinhos, tenho muitas vezes arriscado a vida; porém o spectaculo da morte muito me perturba. Causa-me ao mesmo tempo emoção

moral e mau estar physico. O instincto da conservação se estende além da propria individualidade; disto vejo a prova na revolta de todos os meus sentidos em face da morte de outrem. Parece que cada pessoa é atacada na propria vida, ou que voz longiqua lhe faz uma advertencia. Admira-me, pois, ver homens de extrema mansidão, sensíveis a ponto de derramarem lagrimas lendo um livro, adquirir o habito de tirar a vida ao proximo. Nunca sentistes dolorosa agitação com o espectáculo da morte? Entre mortes tão diversas, ha alguma que vos tenha feito mais profunda emoção?

O invalido reflectio um momento, e disse ao burguez:

— Durante minha longa carreira vi a morte sob mil aspectos. Exce to quatro, as outras se confundem em minhas recordações. Especialmente uma commoveu tão profundamente minha alma, que meu ultimo pensamento recordará esta morte, a mais sublime que vi...

II

Cedendo ás rogativas do burguez que pedia a narração das quatro mortes, o invalido replicou:

Na minha mocidade, eu fazia a guerra da Africa sob o commando do general Lamoricière.

Durante a expedição de Marcara, fui posto como sentinella mui perto do inimigo.

Estava em um terreno cheio de tojo e palmitos pequenos, das 2 horas ás 4 da madrugada; a mais completa escuridão me cercava, só interrompia o silencio os gritos e rapida passagem das feras que fazião tremular os arbustos.

Eu estava immovel e attento, quando, perto das tres horas, ouvi quebrar ramos; abaixei-me para ouvir melhor e julguei enxergar na escuridão dois olhos scintillantes.

Era lobo, leão ou homem?

Esses olhos immoveis se fitavão em mim; recuar um passo e dar um tiro de espingarda foi um momento.

Quando o fumo desapareceu, não vi mais nada, nem um ruido sequer.

Eu pensei que o tiro não acertasse, e fizera fugir o animal selvagem, mas por cautela afastei-me na distancia de vinte passos.

Começava a amanhecer ás 4 horas da madrugada, quando o sargento veio substituir-me

Singularidade, o destacamento não ouvira o meu tiro.

« Ah! exclamou o sargento, eis um cidadão que ja deu contas! »

E empurrava com a coronha da arma o cadaver de um beduino.

Este, com o peito atravessado por uma bala se estorcia em horriveis soffrimentos.

Esta agonia durava havia muito tempo e o corpo de tal forma se encolheu, que a forma humana desaparecera; a boca parecia immensa, e os olhos encovados despedião raios.

Era o despedaçamento da materia, o fim da vida animal, o supremo padecimento.

— Falla-me de outra, disse o burguez.

— Sim, respondeu o invalido.

Estavamos junto das muralhas de Sebastopol. Forão repellidos dois assaltos, e o regimento ensanguentado se unia para renovar a tentativa.

O coronel levantou a espada, os tambores soaram; com a cabeça baixa, cada um de nós se arremessou na fornalha.

Estrondo formidavel retumbava.

Respirava-se fumo, polvora, sangue; calcava-se aos pés os que cahião.

Eu estava na primeira fileira, e uma especie de barricada nos detinha, emquanto a desordem reinava entre nós.

Dois minutos mais e recuavamos para não voltar, pois estavamos entraquecidos.

As vozes do commando erão abafadas pelo rimbombo da artilheria e o assovio das balas.

Então vi um joven tenente, com vinte annos apenas, avançar debaixo daquella abobada de fogo.

Foi sublime transporte, corrida louca, verdadeiro delirio.

Todos quizemos imitar nosso official, morremos entre as dobras da nossa bandeira.

Malakoff foi tomada.

Eis o que denominamos morte gloriosa, morte util, morte de soldado.

A alma domina o corpo, o coração é grande, Deus abençoa semelhantes mortes.

O invalido calou-se e levantou a cabeça.

III

— Continuai a narração, disse o burguez.

O invalido acendeu o cigarro que lhe offereceu o companheiro, e proferio estas palavras com voz garosa:

Durante a guerra da Italia, depois da batalha de Magenta, meu regimento incorporou-se a

Eu encontrei lá um camarada de infancia, in-
fante amigo de mocidade; elle se chamava Noel, e
eu considerava como meu irmão. Era bom e
valente soldado.

Noel tinha character arrebatado; castigado ás
vezes por transgressões de disciplina, parecia
saltar-se até o delirio.

Na guerra a disciplina precisa ser mais rigo-
rosa do que nas guarnições, como sabeis.

Mas talvez ignoreis que o exercito francez
deixa muito a desejar acerca de respeito e obe-
diencia

Um dia Noel insultou gravemente um official
engenheiro.

Chegou a arrancar-lhe a espada, em que o
official pegava para se fazer respeitar.

Noel quebrou a lamina desta e atirou os peda-
ços no chão.

O conselho de guerra promulgou contra elle
sentença de morte.

Sabeis o que é o padrinho de um soldado que
se vai fuzilar?

Não o sabeis; tambem ignorais que a pena de
morte só é infamante quando precedida de baixa
com infamia.

Noel não teve este accrescimo de pena!

O padrinho é o melhor amigo do condemnado:
cobre-lhe os olhos no momento da execução, fal-
ta ajoelhar, e, se faz parte do pelotão que vai exe-
cutar a sentença, faz pontaria ao coração.

Noel escolheu-me para seu padrinho.

Acompanhei-o nas ultimas horas de sua vida,
encostou-se no meu braço para ir ao lugar da
execução.

Abraçou-me ternamente, puz-lhe meu lenço
nos olhos.

Quando Noel poz o joelho direito no chão,
apertei-lhe a mão, e elle disse estas palavras:

« Adeus, meu amigo! »

Approximando-me do pelotão, disse aos cama-
radas:

« Fazei pontaria certa, não o façaes soffrer ».

Carregarão-se as armas em silencio.

O ajudante fez signal com a espada e os sol-
dados fizerão pontaria; o ajudante abaixou com
presteza a espada, e ouviu-se formidavel descarga.

Atravez de nuvens de fumo, vi cahir o corpo
de Noel, depois o pelotão desfilou diante do ca-
daver sanguinolento.

Então, approximei-me de meu velho amigo,
na sua frente despedaçada dei um beijo.

Abrimos cova no pomar visinho, colloquei o
cadaver do meu amigo ao pé de uma oliveira.

Acreditai, senhor, que esta morte me fez
soffrer cruelmente.

— E' impossivel, disse o burguez, que ne-
nhuma outra morte deixasse tão profunda emo-
ção.

— Estás enganado, respondeu o invalido.

IV

Ouvi minha narração.

Eu estava de guarnição em Pariz, quando
tive ordem de estar de guarda, em um posto
perto da igreja de S. Sulpicio; eramos dez solda-
dos commandados por um cabo de esquadra e um
sargento.

Sentado no banco, diante do corpo da guarda,
eu fumava, distrahidamente, olhando para os
transeuntes apressados.

A sentinella proferio o grito: — Ás armas!

O sargento só teve tempo de ordenar: — Li-
nha recta á direita — ajoelhem.

Era Deus que passava.

O sargento disse: — N. 4 e 5, marchai.

Eu era o n. 4. Acompanhei o sacerdote com
o cabo e um camarada.

Depois de percorrer algumas ruas, em que
todos saudavão respeitosamente o Santissimo Sa-
cramento — era em 1868 —, paramos ao pé de
uma porta.

O sacerdote entrou no quarto de dormir, onde
eu o acompanhei com o cabo e cerca de dez ope-
rarios com vestes de trabalho.

Ao pé do leito, uma mulher idosa escondia a
cabeça no seu avental, muda e immovel.

O padre fez um signal, e todos ajoelharão.

Levantei os olhos e vi o moribundo:

Ajudarão-no a recostar-se em travesseiros.

Sua cabeça descoberta appareceu mui for-
mosa.

O olhar ja amortecido divagava pelos circum-
stantes, os labios se entreabrirão com vago sor-
riso.

Um raio de felicidade brilhava em seu sem-
blante, emquanto apertava contra o peito um
crucifixo de ebano.

Tenho visto as alegrias e venturas da terra, e
nunca, eu vos juro, tinha presenciado tal extase.

Não era a morte que chegava, mas sim vida
melhor e eterna, que este homem via. Parecia
escutar longiquos canticos, e quando levantava

os olhos para o céo, faiscas chammejavão em suas palpebras.

Não ousarei dizer-vos o que sentia.

Curvei a cabeça, e pela primeira vez em minha vida ouvi a voz de Deus.

Pela primeira vez comprehendí o que é a vida, o que é a morte.

Pude comparar o que senti a violento abalo, ao despertar sobresaltado depois de penoso somno.

Meu olhar se fixou no operario moribundo, e pareceu-me que estava cercado de uma aureola, como se vêm nos quadros que estão sobre os altares.

No dia seguinte voltei a essa casa. O homem tinha morrido.

Entrei na igreja de S. Sulpicio, e orei muito tempo pela primeira vez.

No dia seguinte eu acompanhava o enterro deste desconhecido, na companhia dos operarios seus companheiros.

Quando lancei agua benta na terra a pouco cavada, meus olhos se encherão de lagrimas.

Eu acreditava na religião, tinha a certeza della; ah! Senhor, quanto sinto não ser um escriptor, para descrever a morte de um christão!

Mas acreditai o que diz o pobre soldado ignorante: aquelles que não crêm em Deus, os que o não implorão, são cegos e velhacos.

— Penso como vós, respondeu o burguez, e estendeu a mão ao invalido dizendo: Até breve, meu amigo.

General AMBERT.



SALVA!



Era Milla a formosura
Os encantos do lugar;
Vivia alegre na chacra
Entre o arvoredó a folgar.

Se com amigas andava
Era farta no beijar;
Mas nesses beijos mostrava
Um offegante ancíar.

Tinha as formas peregrinas,
Os seios entumecidos,
Os olhos acesos, vivos,
Os labios humedecidos.

As faces roseas... purpureas,
O riso argenteo, sonoro;
Tinha assomos de alegria,
E depois, de ardente choro.

Em quadros que o papai tinha
Occultos na estante annosa
Ás vistas dos innocentes —
Cravava a vista, anciosa.

Um dia correu á beira
Do solitario regato:
Das aguas fazendo espelho,
Abandonando o recato,

Acende mais os olhares,
Anceia afflicta, enrubece,
Os labios tremem; e o talhe
Dobrando todo — fallece...

Jorge que a scena espreitara
Sem respirar, a tremer,
Corre a amparal-a na queda,
Deixa-a dos braços pender.

.....

Ao ruido voa a pomba
De dentro do ninho seu;
Pensando que vinha gente
L'ra longe Jorge correu.

A. C.

Porto Alegre — 1881.



A MULHER DE HONTEM E A MULHER DE HOJE



Ao caminhar prodigioso da ultima metade do seculo passado; ao desmoronar das tyrannias, dos castellos feudaes, das ordens monasticas e de tantas instituições balofas ou ruinosas; ao despedaçar das cadeias que agrilhoavão a livre consciencia e a idéa livre — o estado social era lastimoso, e a liberdade, para abrir passagem ao seu benefico exercicio, tinha de pisar vicios e crimes que custarão á humanidade soffrimentos incalculaveis, sacrificios enormes, e, o que mais é, rios muitos rios de sangue.

Das gargantas da revolução sahirão jorros de luz esplendida; o sol da verdadeira civilisaçã

... nos uma amostra vivificante do seu brilho.

Não nos engane, porém, a tendencia redemptora que os povos parecem ter para o incessante caminhar.

A mulher de hontem, que creou os homens de hoje, resente-se ainda do estado de abatimento a que chegou.

Abaixo dos espiritos fortes, em roda dos trabalhadores do progresso, parasita de todas as industrias, de todas as lides commerciaes e agricolas, enxameão uns homens afeminados, chloroticos, incensadores dos salões e cancores do orçamento, que demonstrão quanto forão mal guiados no mundo os seus primeiros passos, quanto era ignorante a mulher que os infantou.

A mulher de hoje, que tem de crear os homens de amanhã, deve lembrar-se de que os arrebiques da moda, a ignorancia em epoca tão illustrada, as falsas corteziãs de que a cercão, as palavras mentirosas e de occasião de que a cobrem, os prejuizos de uma imprestavel e ruidosa elegancia, a ociosidade a que se entrega — são cousas contrarias ao bem estar, á consolidação e prosperidade da familia, e á sua esplendida e sublime missão.

— Eduque-se a mulher, ou ella será um fardo insupportavel para o homem trabalhador e honesto — resumimos nós dos escriptos primorosos de um talento scintillante, o de Maria Amalia Vaz de Carvalho.

— Não temos bons collegios de educação. As meninas sahem de la, sabendo futilidades, tudo para uma falsa elegancia, e nada para a vida real, para a familia e para a sociedade — resumimos igualmente das espirituosas e verdadeiras phrases de Ramalho Ortigão.

— Mais educação e menos toucador! — exclamava Rodrigues de Freitas ha dias no parlamento portuguez.

Somos da mesma opinião.

* * *

A emancipação da mulher pode, deve e ha de fazer-se com todo o esplendor de um commettimento util, com todas as louçanias de uma seara abundante de flores e fructos, desde que ella puder dispor de um officio, cargo, sciencia, profissão, mister, uma occupação qualquer que estabeleça á volta de si a autonomia, concedida a qualquer pessoa pelas leis salutaes de um trabalho honesto.

Na officina, ao balcão do commercio, quando só ou acompanhada de outras que possam trabalhar com ella; dentro de sua casa quando a decrepitude de seus pais ou a menoridade de seus filhos requererem a sua companhia; no escriptorio de um membro de sua familia, advogado, commerciante, banqueiro ou industrial; nas escolas, nas academias, nos arsenaes, nos armazens, nos campos, nas cidades, no mar e em terra — que operaria, que auxiliar, que trabalhadora, que companheira do homem não pode ser a mulher?!

Quer levar a sua influencia até aos altos poderes do estado? agradao-lhe as luctas politicas? não acha justa uma lei do seu paiz, o lançamento de um tributo, o julgamento de uma causa? quer reformas? quer novas leis, novos empregados, novo governo?

Lance mão da sua palavra e da sua penna.

Não é ella a esposa do deputado, a filha do rei, a irmã do juiz, a prima do governador, a mulher do ministro, a parenta de uns, a protectora e companheira de outros?

De que lhe servem os seus estudos, se ella não pode discutir com as pessoas que procurão a sua convivencia e conversar e planear sobre os interesses e a prosperidade communs aos seus compatriotas em uma visita, na intimidade das suas relações, a qualquer hora do dia e da noite, por meio da palavra, e clamar por justiça, trabalhar, combater, aconselhar, persuadir com os bicos da sua penna?

Para que ella possa receitar a cura de um membro gangrenado, cuja enfermidade conhece — necessita poupal-o de roçar-se por elle?

Tem ella precisão de sahir á rua, ao balcão da taberna, á praça publica, com o riso nos labios e o punhal na algibeira; a requerer votos e o triumpho de uma eleição? ou então a tomar assento nas altas funcções do estado?

Não tem a ajudal-a, a cobril-a de influencia, a tornal-a forte, requestada, a mais poderosa das soberanias — o throno da familia, que fornece ao paiz o homem, que dicta a lei, que lança o imposto, que estabelece os partidos, que faz a guerra, que governa e legisla?

Peça instrucção moral e litteraria, peça trabalho honesto e util, e ella deixará de ser o alvo ignobil de uma transacção mercantil, e obterá todos os privilegios que deseja.

S. DE FRIAS.

IMPREVISTO



Ignéz, a moça mais bella
Que morava nesta rua...
E que só vinha á janella
De noite e noite sem lua...
— Tão recatada era ella;

Ignéz — a honra em pessoa!
Modelo da vizinhança...
Cuja fama ind'hoje soa
Até onde o echo alcança
Levando a palavra — boa...

Aquella mesma que um dia,
Porque Abel piscou-lhe um olho,
Ennojou-se por tal via,
Que esteve o dia de *molho*
C'um forte ataque d'azia...

Ignéz, que em jejuns passava,
A fio, a quaresma inteira...
Que as missas todas levava
Sempre ás voltas co'a fieira
D'um rosario que esbrugava...

Ignéz — ó céos! custa crel-o!
Jesus! quem pôde pensal-o?
Tão seria... — e sabia sel-o!
Se o siso criasse calo,
Sou de crer que havia tel-o...—

Pois Ignéz, a *recatada*...
A bella e pudica Ignéz...
— O' virtude! vales nada! —
« Mas o que fez? » O que fez!
Fugio a noite passada!

Março — 81.

M.



ESPERANÇA E FÉ



Aonde reside a esperança?
Pergunta esta que minha alma muitas vezes
fez em momentos de amargurado soffrimento.
A esperança, esse archanjo de azas vaporosas,
tambem vive na terra, diz-me o coração.
Ella se nos mostra sempre, mas em distancia,
promettendo-nos a felicidade, e nós com os olhos

cravados nessa risonha feiticeira, vamos andando
na estrada da vida, pisando abrolhos, derramando
lagrimas, estreitando o coração contra o peito
para que não estale de dor, mas com os olhos
fitos na esperança vendo a felicidade, que elle
sempre nos entremostra.

O que seria a vida sem a esperança?

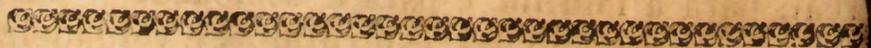
Arido deserto sem uma gota d'agua, sem
uma folha verde! Luta continua sem um momen-
to de treguas; tempestade perpetua!

E sem a fé?

A fé é a mãe da esperança. Se a filha se o-
cultava ás vezes aos nossos olhos empanados pelas
lagrimas, porque o anjo da morte estendeu diante
delles o seu manto de crepe, a mãe surge logo em
nosso auxilio, aponta-nos para Deus, e vamos
encontrar de novo aos pés do Creador a esperança
cercada de mil encantos, que com o olhar meigo
nos conforta o coração.

Esperança, doce companheira do homem, con-
soladora dos que padecem, luz que brilha nas tre-
vas da desventura, taboão de salvação para os nau-
fragos da fortuna, gota d'agua que mata a sede
aos que caminham no areal incandescente da vida,
estrella que scintilla no plumbeo céu do infor-
tunio!

Esperança, nunca me abandones, e se algum
vez uma grande dor vier enlutar os horisontes da
minha vida, a ponto de eu descer de ti, manda
á tua mãe, fé, que me leve aos pés do Omnipotente
onde hei de novo encontrar-te, porque Esperança
e Fé são duas emanações da Divindade.



EXPEDIENTE



Ao SR. TIMOTHEO DE FARIA. — A sua poesia
deve tel-a visto adiante.

Quanto a do seu apresentado, sentimos não po-
der dizer o mesmo: — Correcta, volte.

Recebemos:

O *Conservador*, *Telephone*, *Labaro* e *Typogra-*
pho, da capital.

A *Descentralisação*, da Cruz-Alta.

A *Discussão* de Pelotas.

A *Gazeta de Campinas*.

O *Taquaryense*, de Taquary.